

RELAÇÃO INFÂNCIA E NATUREZA: A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS ACERCA DO MEIO AMBIENTE E CUIDADO AMBIENTAL

Danielle Fernandes de Araújo Oliveira¹

Francisca Lúcia França Garcia²

Hellen Chrystianne Lucio Barros³

Resumo: O estudo teve como objetivo compreender a percepção infantil acerca do meio ambiente e do cuidado ambiental. Esta pesquisa, qualitativa e exploratória, contou com a participação de 26 crianças matriculadas no 5º ano de uma escola pública. Os dados foram coletados através da roda de conversa mediada por recursos lúdicos e interpretados a partir da análise de conteúdo temática de base interpretativa. Os resultados foram apresentados a partir dos seguintes eixos: a) definições de cuidado ambiental; b) afetos ligados ao cuidado ambiental; c) ações de cuidado ambiental; d) cuidado ambiental: criança *versus* adulto. Conclui-se que as crianças entendem e praticam ações de cuidado, tornando-se agentes promotoras da Educação Ambiental entre os pares e os adultos.

Palavras-chave: Percepção Ambiental; Crianças; Cuidado Ambiental; Roda de Conversa.

Abstract: The study aimed to understand children's perceptions about the environment and environmental care. This qualitative and exploratory research had the participation of 26 children enrolled in the 5th year of a public school. Data were collected through the conversation wheel mediated by ludic resources and interpreted from the thematic content analysis with an interpretative basis. The results were presented from the following axes: a) definitions of environmental care; b) affections related to environmental care; c) environmental care actions; d) environmental care: child versus adult. It is concluded that children understand and practice care actions, becoming agents that promote environmental education among peers and adults.

Keywords: Environmental Perception; Children; Environmental Care; Conversation Wheel.

¹Universidade Potiguar- UnP. E-mail: daniellefao@hotmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3421079801208205>

²Universidade Potiguar- UnP. E-mail: psilucinha@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4045759883326189>

³Universidade Potiguar- UnP. E-mail: hellenwbarros@hotmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0749385381678065>

Introdução

O dilema ambiental é estabelecido por duas situações aparentemente contraditórias: de um lado, as necessidades humanas aumentam na medida em que a população cresce; possui o desejo de alcançar níveis de vida mais dignos; espera contar com o acesso igualitário à água, casa, comida, emprego e outros fatores básicos. Por outro lado, existem limites aos recursos naturais que servem para satisfazer essas necessidades. Estes recursos estão cada vez mais escassos, alguns contaminados por sua utilização irregular, e outros estão concentrados junto a uma minoria da população. Assim, o dilema apresenta-se pelo conflito entre o desejo humano de obter e consumir mais recursos naturais e pela necessidade de conservar esses recursos (CORRAL-VERDUGO, 2012).

A sustentabilidade é o modelo de desenvolvimento que repensa os modelos econômicos vigentes, a ponto até de mudar a relação social e ecológica. Falar sobre sustentabilidade é tratar sobre a maneira como os seres humanos devem agir com o meio ambiente, suas responsabilidades uns com os outros levando em consideração as futuras gerações. Está atrelada ao crescimento econômico baseado em políticas que garantam justiça social, equidade e eficiência no uso dos recursos ambientais (SARTORI; LATRÔNICO; CAMPOS, 2014). Dessa maneira, são pensados processos participativos na promoção do meio ambiente, voltados para a sua recuperação, conservação e melhoria, bem como o avanço da qualidade de vida.

O grau de sustentabilidade de uma sociedade é medido não apenas pelo esforço dos seus cidadãos para amenizar o consumo de recursos naturais e garantir um equilíbrio entre suas necessidades e as dos ecossistemas, atuando de maneira solidária e equitativa com os cidadãos do presente e do futuro, mas também pela observação das consequências dessas ações (CORRAL-VERDUGO, 2012). *“A noção de sustentabilidade implica, portanto, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento”* (JACOBI, 2003, p. 196).

Governos, sociedade civil, iniciativa privada e instituições de pesquisa se uniram em um processo global participativo que resultou na criação da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Adotada por 193 países membros da ONU, a Agenda 2030 foi criada em 2015 e implementada em janeiro de 2016 (CICHOSKI, CORONA E MELLO, 2022; ODS BRASIL, 2022). O documento conta com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas de ações globais que abrange o desenvolvimento econômico, a erradicação da pobreza, da miséria e da fome, a inclusão social, a sustentabilidade ambiental e a boa governança em todos os níveis, incluindo paz e segurança (ODS BRASIL, 2022).

Como semear conceitos de cuidado com o planeta desde a mais tenra idade? A diáde infância- meio ambiente tem sido alvo de diversos estudos.

Menezes (2012) apresenta a criança como um agente multiplicador da Educação Ambiental (EA) dando ênfase à importância da conscientização sobre o cuidado com o meio ambiente que deve ser fomentado pela escola. Grzebieluka, Kubiak e Schiller (2014) afirmam que a formação do cidadão ético inicia desde a educação infantil através da EA, tornando possível a promoção da sustentabilidade desde a infância.

Reigada e Tozoni-Reiz (2004) através de uma pesquisa-ação com crianças entre seis e onze anos, fizeram um estudo no qual tiveram como objetivo desenvolver de forma lúdica nas crianças, atitudes de cuidado ambiental que também poderiam ser repassadas para os adultos. Campos-de-Carvalho e Souza (2008) na pesquisa sobre psicologia ambiental, psicologia do desenvolvimento e educação infantil, afirmaram que a integração entre áreas é possível mostrando que existem elementos ambientais que mediam com facilidade a interação entre as crianças e entre a criança e o educador enquanto outras práticas educativas impedem ou dificultam essa ação.

Partindo desse entendimento, Barros e Tozoni-Reis (2009) consideraram outros aspectos na realização de uma pesquisa-ação com crianças de duas salas pré-escolares de uma escola pública. As mesmas foram convidadas a identificar dilemas ambientais na escola e seu entorno e propor possíveis soluções. O estudo facilitou a discussão sobre o cuidado ambiental além de proporcionar melhorias na qualidade do ambiente onde as crianças vivem e estudam transformando a realidade em que estão inseridas.

Bolzan-de-Campos, Fedrizzi e Santos-Almeida (2018), por sua vez, realizaram uma pesquisa com crianças que viviam em ambientes urbano, costeiro e rural com idades entre oito a doze anos a fim de compreender como elas percebiam e definiam a natureza a partir da elaboração de desenho, concluindo que as crianças têm uma maneira própria de representar a natureza que não está ligada necessariamente ao local onde residem. Além disso, a maioria delas associa a natureza com afeto positivo.

Neste cenário, da interface EA e dos aspectos psicológicos envolvidos, a escola possui um local de destaque, pois cumpre um importante papel de agente de transformação, não somente de transmissão de conteúdo, mas de uma construção de conhecimento e valores essenciais para a manutenção da vida (PERETTI, 2012). Gonçalves, Oliveira e Gonçalves (2022) investigaram as práticas de EA no ambiente escolar divulgadas na comunidade científica. Os autores perceberam que embora existam muitos projetos, o conteúdo está mais ligado às aulas de ciências da natureza do que com as outras disciplinas dificultando a interdisciplinaridade na escola. Pontuam que a EA de maneira interacionista, estaria mais alinhada aos ODS da Agenda 2030 já que incentiva a aprendizagem fazendo junto com o aluno.

Na perspectiva da infância, os ODS podem ser trabalhados através da EA “inserindo de forma lúdica os conceitos e questões ambientais, para que os mesmos se tornem parte da formação da criança desde seus primeiros anos de vida” (SILVA *et al.*, 2022). Um exemplo é o estudo de Miranda *et al.* (2021) com

Revbea, São Paulo, V18, Nº 5: 314-324, 2023.

crianças pequenas em contexto escolar. Eles analisaram a conscientização e uso racional da água pelas crianças baseados nas ODS 4 (meta 4.7) e 6, mostrando a importância da Educação Ambiental e a adesão das crianças às propostas dos ODS de acordo com o grau de compreensão delas. A EA, nas séries iniciais do ensino fundamental, deve compor ações efetivas, críticas que agucem a capacidade dos alunos a tornarem-se sujeitos ecológicos. A criança se torna, naturalmente, um agente multiplicador a partir da escola, exercendo grande influência junto aos familiares e amigos, amparada pela sua formação básica escolar, podendo demonstrar educação consciente do meio em que vive, valorizando a própria vida e seu entorno.

Diante do exposto, esse estudo teve como objetivo investigar o olhar da criança – inserida no contexto escolar – a respeito de meio ambiente, e do cuidado ambiental quanto às suas práticas de ações e cuidados, entendendo esse olhar como o que as crianças percebem e compreendem sobre esses aspectos. Estudos nessa direção correspondem a importantes esforços para promover projetos de EA que sejam pautados na real percepção do público a quem se destinam.

Desenvolvimento

Método

Esse artigo foi fruto do trabalho de conclusão de curso das duas primeiras autoras, tendo sido apresentado em um congresso. Tomaram parte no estudo 26 alunos de uma turma do 5º ano, de uma escola pública da região da grande Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Para escolha da instituição considerou-se que a escola é um importante micro contexto na rotina das crianças, sendo um espaço formal para realização dos projetos de EA, que podem ser pensados e repensados para melhor atender ao seu público-alvo (BRONFENBRENNER, 1996). Importa destacar que este estudo cumpriu os requisitos éticos necessários para pesquisa com seres humanos, tendo sido aprovado pelo comitê de ética de estudos com seres humanos da Universidade Potiguar (UNP), sob parecer de número 1.659.239.

A coleta de dados ocorreu no turno matutino, em sala de aula, em horário previamente acordado com a direção, professor da classe e alunos, tendo sido a participação voluntária, não sendo ofertado nenhum incentivo, como nota extra, por exemplo. Nesse sentido, realizamos uma roda de conversa dividida em duas partes, mediada por um jogo, seguido de uma música, o que foi operacionalizado da seguinte forma: na parte A, o jogo da “Batata Quente” foi a estratégia lúdica escolhida com o objetivo de compreender o que as crianças entendiam como cuidado com o meio ambiente, e verificar se praticavam ou não ações de cuidado a partir de respostas às perguntas pré-selecionadas pelas mediadoras, as autoras do estudo.

A criança que ficava com a “batata quente” na mão, iria responder a uma pergunta previamente elaborada revelando o que pensava sobre o meio ambiente, podendo pedir ajuda aos colegas. As perguntas utilizadas no jogo giraram em torno dos seguintes temas: descrição do local de moradia e o seu entorno; ideias sobre o meio ambiente e o cuidado ambiental; conhecimentos sobre o manuseio da água e do lixo; comportamento ecológico.

Na parte B, foi utilizada uma música de cunho ecológico que se chama Papagaio Reginaldo da banda Palavra Cantada. A pergunta disparadora da roda de conversa, após a música, foi: como você se relaciona com o meio ambiente? Esse recurso serviu como base para encerramento do momento em roda de conversa, aprofundando as visões sobre meio ambiente/natureza e cuidado ambiental.

As falas das crianças durante as atividades foram gravadas em áudio com as devidas autorizações dos responsáveis, e os dados transcritos em arquivos de texto, para realização da análise temática de conteúdo, tendo uma base interpretativa, extraindo temas recorrentes nas falas, que auxiliaram na interpretação das questões de pesquisa, tendo como base o referencial teórico adotado (BARDIN, 1977; BAUER, 2002; BRAUN; CLARKE, 2006; MAYRING, 2010; GIL, 1999). Importa destacar que os nomes utilizados nos resultados são fictícios, apenas como indicativo de gênero da criança.

Resultados e Discussão

A utilização dos recursos lúdicos jogo da batata quente e a música funcionaram como um quebra-gelo deixando as crianças atentas e participativas. O brincar facilita a expressão das ideias e os sentimentos infantis. Para Garcia (2005, p.3), “o ato de brincar ajuda a criança a compreender o mundo e a si mesma. Através do jogo, a criança pode desenvolver o espírito de iniciativa, autonomia, poder de decisão, comunicação e relação com o mundo no qual está inserida”.

A análise das falas gerou quatro principais eixos temáticos: a) definições de cuidado ambiental; b) afetos ligados ao cuidado ambiental; c) ações de cuidado ambiental; d) cuidado ambiental: criança *versus* adulto; que serão apresentados e discutidos na sequência.

Acerca do eixo *definições de cuidado ambiental*, as crianças participantes apresentaram em suas falas a percepção sobre o ambiente em que vivem, sendo capazes de observá-lo, comparando o cuidado à preservação do mesmo, seja na perspectiva de não o gastar, evitar sua destruição e/ou mantê-lo limpo e organizado, o que pode ser ilustrado nas seguintes falas: “Preservar é cuidar do meio ambiente” (Bruna, 10 anos). “Cuidar do meio ambiente é não jogar sujeira nos rios. Não cortar as árvores nem queimar. Não poluir as águas. Não deixar a torneira ligada” (Guilherme, 10 anos).

O cuidado ambiental no pensamento infantil deve ser considerado a partir da participação ativa das crianças ao descobrirem o prazer por observar, examinar e explorar o mundo que as rodeia. Nessa fase da vida, o sistema de influências educativas e as práticas cotidianas de cuidados com o meio onde vivem, colaboram para a formação da consciência ambiental. Assim, os valores de preservação e cuidados evoluem desde cedo, podendo promover uma futura gestão de um mundo melhor e mais sustentável (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014).

Sobre o eixo *afetos ligados ao cuidado ambiental*, os alunos expressaram o que compreenderam depois de ouvirem a música. A partir disso, o grupo levantou alguns temas que a música aborda: queimadas, desmatamento, injustiça com os animais, a participação do homem no cuidado da natureza. Quando uma das pesquisadoras perguntou qual(is) sentimento(s) eles tinham com relação ao que acontecia à natureza, às mudanças que ocorreram na vida do papagaio, todos queriam dar sua opinião ocorrendo a expressão de vários sentimentos nesse momento.

As afetações expressas através da fala das crianças trouxeram consigo sentimentos como admiração, raiva, revolta, tristeza, conforme observamos nas seguintes falas: “Eu converso com as plantas e os animais, eles têm sentimentos como nós” (Luíza, 11 anos). “Sinto revolta quando não cuidam da natureza” (Maria, 10 anos); indicam que eles se preocupam com a natureza do ponto de vista cognitivo, emocional e ético: “É triste quando a gente vê alguém maltratando um animal, cortando uma árvore” (Luíza, 11 anos). “Quem maltrata os animais deve ser punido” (José, 10 anos). “É triste ver o que aconteceu com Reginaldo... mas pelo menos ele lutou pra superar tudo, né?” (Henrique, 10 anos).

Diante das falas acima, propõe-se novos paradigmas de pensar/fazer a EA na escola amparada na consideração dos afetos psicológicos. De acordo com Schmuck e Schultz (2002) o afeto, expresso através dos sentimentos e emoções agradáveis, promove a conectividade com a natureza, levando o indivíduo a compreendê-la como parte de si mesmo, gerando comportamentos de cuidado. Na ausência de conectividade, as ações são voltadas para sua própria satisfação, sem preocupação em preservar ou proteger o meio ambiente. Dessa maneira, os afetos psicológicos devem ser levados em consideração durante a análise de políticas públicas ambientais em vigência e/ou em processo de construção, envolvendo a participação das crianças, família, escola e comunidade como um todo, dando importância ao direito infantil à cidade, conectividade, senso de identidade e pertencimento ao meio ambiente (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014; CAMPOS-DE-CARVALHO; MENEZES, 2012; YUNES; JULIANO, 2010).

Sobre as *ações de cuidado ambiental*, as crianças se utilizam de comportamentos ecológicos quando falam sobre o que fazem em casa, na escola, na rua, na comunidade, demonstrando ações de zelo pelo meio ambiente. De acordo com Pinheiro e Pinheiro (2007, p. 25), o cuidado

ambiental está relacionado a uma “postura ética e prática que devemos adotar e manter em relação à natureza, ao ambiente, à espaçonave Terra, em acepção bastante semelhante à de proteger, em seu sentido de proteção ambiental”.

As ações mais faladas foram: a) cuidado com a água, por exemplo, “quando escovo os dentes não deixo a torneira ligada” (Samuel, 10 anos); b) cuidado com os animais: “quando vejo alguém maltratar os animais, dá vontade de ir lá e dá um bufete” (Marisa, 12 anos); c) cuidado com o lixo: “eu tenho todo o cuidado com a minha casa. eu cisco o terreno para limpar o lixo” (Cíntia, 10 anos); d) evitar o desperdício dos elementos naturais do meio ambiente: “o bebedouro da escola gasta muita água. Pra economizar, podemos encher a garrafa de água e tomar de pouquinho em pouquinho a manhã toda” (Olívia, 11 anos). Ao plantar, assistir a planta crescer e colher, a criança pode compreender os mecanismos da natureza, reconhecer-se como parte dela e questionar sua própria participação ecológica. Assim sendo, as ações de interesse, cuidado emergem quando passam a compreender a importância desse cuidado, compreendendo também a importância do fazer, onde e quando fazê-lo (GUNTHER, ELALI, PINHEIRO, 2008).

Quanto ao eixo *cuidado ambiental: criança versus adulto* vale ressaltar que apesar das crianças não serem questionadas diretamente sobre essa relação, as falas surgiram espontaneamente. Seus relatos demonstraram a percepção sobre atitudes de cuidados dos adultos em relação ao meio em que vivem sendo capazes de relatar ações cotidianas de cuidados e não cuidados, pontuando exemplos bem característicos. Demonstraram capacidade de identificar atitudes de cuidados benéficos e conseguiram diferenciar cuidados dispensados pelas crianças e pelos adultos. Por exemplo, apontaram comportamentos coletivos de descuido ambiental na rua e no bairro onde moram: “tem um terreno vazio do lado da casa da minha avó que as pessoas jogam lixo lá. É muito feio!” (Vitória, 11 anos); perceberam ao redor de suas residências, ambientes causadores de doenças e poluição visual: “minha rua é podre, cheia de lixo! O carro do lixo não passa lá” (Luís, 12 anos); presenciaram atitudes de maus tratos a animais: “meu tio não gosta de nenhum animal, se ele vê um animal, ele vai e joga na rua ou senão ele mata” (Ana, 11 anos); e de desperdícios provocados por adultos: “eu apago a luz do quarto quando não estou lá, mas meu pai sempre esquece” (Cláudia, 10 anos). Pelas falas acima, percebe-se que foram capazes de notar que o comportamento das crianças ainda está em construção e que os adultos deveriam se implicar mais com a responsabilidade de cuidar, zelar pelo ambiente em que vive (PINHEIRO; PINHEIRO, 2007; MANSANO, 2009).

Conclusões

Esse estudo objetivou conhecer a percepção das crianças em idade escolar sobre o meio ambiente e o cuidado ambiental quanto as suas práticas de ações e cuidados. A pesquisa revelou que as crianças compreendem o meio ambiente como o local onde vivem, que faz parte delas e deve ser preservado. Entendem o cuidado ambiental bem como o praticam em casa, na escola, em sua rua e na comunidade. Demonstram afetividade psicológica quanto ao meio ambiente; e atribuem um olhar valorativo às ações de cuidados dos adultos para com o meio ambiente e o seu entorno, gerando em si mesmas a necessidade de reproduzir os mesmos comportamentos, negá-los ou (re) inventá-los.

O brincar é uma das linguagens mais importantes da criança. A utilização do recurso lúdico do jogo e da música favoreceu a troca de informações, deixaram as crianças mais participativas e livres para expressarem seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. *“Brincar e viver são conceitos intimamente implicados; o ato de brincar está no eixo constitucional do sujeito, na edificação das estruturas que possibilitam o viver criativo”* (VASCONCELOS, 2006. p. 148). Suas afetações puderam ser expressas como de fato a vivenciavam naquele momento.

Apesar da limitação pelos poucos participantes, e ter ocorrido em uma escola específica, o estudo é relevante, pois ressaltou as ideias das crianças num contexto pouco estudado. Ao expressarem como compreendem o meio ambiente e se relacionam com ele, com os pares, os adultos e o seu entorno, descortinam para os pesquisadores caminhos para novos estudos e intervenções. Elas assumem uma conduta proativa em relação às questões ambientais quando envolvidas, exercendo influência relevante seja de forma direta ou indireta, como atores e agentes multiplicadores de conhecimentos.

Intenciona-se que essa discussão gere novas práticas de EA com crianças. Sugere-se a construção do que é o meio ambiente e suas representações levando em consideração os afetos psicológicos infantis, refletindo sobre a conectividade e o cuidado ambiental.

A escola deve utilizar-se da educação como ferramenta para produção de conhecimento em rede e como forma de resistência aos modelos de dominação instituídos. Sobre a esfera ambiental, é o local no qual os processos de subjetivação devem ser incentivados, dando lugar à criatividade, *devires*, interações singulares que entrelacem além da criança, os familiares e a comunidade como um todo.

A EA abre um estimulante espaço para repensar as práticas sociais. Os professores agem como transmissores de conhecimento para que os alunos adquiram uma compreensão relacionada, de acordo com Jacobi (2003, p.204), ao *“meio ambiente global e local, da interdependência dos problemas e soluções além da importância da responsabilidade de cada um para construir uma sociedade planetária mais eqüitativa e ambientalmente sustentável”*.

Esse estudo é mais um passo para a discussão da temática no cenário brasileiro, e que pode ser ampliado, à luz do direito da criança e das políticas públicas do acesso aos espaços naturais como promotores de bem-estar.

Agradecimentos

À Universidade Potiguar (UNP) pelo apoio acadêmico à pesquisa e às crianças participantes por tornarem possível o estudo das autoras.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, V.; TOZONI-REIS, M. Reinventando o ambiente: Educação Ambiental na educação infantil. In: **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 34, p. 135 - 151, setembro/dezembro, 2009.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p.189-217.
- BOLZAN-DE-CAMPOS, C.; FEDRIZZI, B.; SANTOS-ALMEIDA, C.R. How do children from different settings perceive and define nature? A qualitative study conducted with children from southern Brazil. **Psychology**, v. 9. n. 2, p. 177-203, 2018.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAMPOS-DE-CARVALHO, M.; SOUZA, T. N. Psicologia ambiental, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil: integração possível? **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 39, p. 25-40, 2008.
- CICHOSKI, P.; CORONA, H. M. P. ; MELLO, N. A. de. Desenvolvimento sustentável e agenda 2030: reflexões sobre a relação sociedade e natureza . **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 16, p. 1–23, 2022.
- CORRAL VERDUGO, V. **Sustentabilidad y psicología positiva: una visión optimista de las conductas proambientales y prosociales**. Hermosillo, Sonora: Universidad de Sonora; México: Editorial El Manual Moderno, 2012.
- GARCIA, S.S. Diretrizes da Ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa. In: GOBBI, S.L. **Vocabulário e noções básicas da Abordagem Centrada na Pessoa**. 2ª ed. São Paulo: Vetor, 2005.
- GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Revbea, São Paulo, V18, Nº 5: 314-324, 2023.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n.1, p. 97-106, jan./abr., 2005.

GRZEBIELUKA, D.; KUBIAK, I.; SCHILLER, A. M. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. **Revista Monografias Ambientais – REMOA**, v.13, n.5, Revista do Centro do Ciências Naturais e Exatas – UFSM: Santa Maria, 2014, dez. 2014, p.3881-3906.

GUNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: características, definições e implicações. *In*: PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 369-396, 2008.

GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. **Psicologia Ambiental**: Entendendo as relações do homem com seu ambiente. 2ª ed. Campinas: Alínea, 2006.

GONÇALVES, J.; DE OLIVEIRA, T.; GONÇALVES, M. Educação Ambiental e seus desdobramentos hoje no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 17, n. 4, p. 247–260, 2022.

JACOBI, P. et al. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, v. 118, n. 3, p. 189-205, 2003.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009.

MAYRING. Técnicas de análise qualitativas. *In*: **Análises qualitativas**. [s.l]: [s.n], 2010.

MENEZES, C.M.V.M.C. **Educação Ambiental**: a criança como agente multiplicador. São Caetano do Sul. 2012. Disponível em: <<http://maua.br/files/monografias/completo-educacao-ambiental-crianca-como-agente-multiplicador-280830.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2022.

MIRANDA, D.L. *at al*. Educação Ambiental a partir da Agenda 2030: experiências da conscientização e do uso racional da água na educação municipal de Varginha (MG). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 174-190, 2021.

ODS BRASIL. **Indicadores brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://odsbrasil.gov.br/>>. Acesso em: 09/12/2022.

PERETTI, V. A. Educação Ambiental na escola pública: o caso da E. E. E. F. José Ferreira Ramos - Gaurama/RS. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v.5, nº5, p. 841-849, 2012.

PINHEIRO, J. Q.; PINHEIRO, T. F. Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e Educação Ambiental? **Psico**, v. 38, n. 1, 2007.

REIGADA, C.; TOZONI-REIS, M. F. C. Educação Ambiental para crianças no ambiente urbano: uma proposta de Pesquisa-Ação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 10, n. 2, p. 149-159, 2004.

SARTORI, S.; LATRONICO, F.; CAMPOS, L.M.S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 01-22, Mar. 2014.

SILVA, A.C. *at al.* Bebeteca ODS Primeiros Passos: Agenda 2030 para crianças. **Educação Ambiental (Brasil)**. v.3, n.2, p.014-026, 2022.

SCHMUCK, P.; SCHULTZ, P.W. **The Psychology of Sustainable Development**. Springer, 2002.

VASCONCELLOS, T. **Crianças em trilhas na natureza**: jogos de percurso e reencantamento. Rev. Dep. Psicol., UFF, July/Dec. 2006, vol.18, n.2, p.143-162.

YUNES, M. A. M.; JULIANO, M. C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação**, v.37, pp.347-379, 2010.